

Presenças do invisível: os Anjos

JOSÉ DA SILVA LIMA

Faculdade de Teologia, UCP

Introdução

A temática foi muito comum em gerações idas dos começos do século XX. Lembram-se narrativas dos tempos dos avós e práticas muito frequentes, com imagens nos quartos de dormir frequentemente coletivos e em cozinhas onde se rezava sobretudo ao fim do dia: a «Oração ao Anjo» era decorada na catequese muito cedo e fazia parte das fórmulas de oração utilizadas todos os dias:

*«Santo Anjo do Senhor,
meu zeloso guardador,
pois a ti me confiou
a piedade divina,
hoje e sempre, me governa,
rege, guarda e ilumina.»*

Ou mais recentemente:

*«Anjo da guarda,
minha companhia,
guardai a minha alma
de noite e de dia.»*

A segunda oração é utilizada muito pelas gerações mais novas, dado que corresponde ao mínimo de fórmulas da catequese depois da reforma no sector após o Concílio Vaticano II. As orações/fórmulas decoradas possuíam uma carga emotiva forte e revelavam ternura confiante para quem as proferia. As crianças nutriam um imaginário cheio de bondade e muito afetuoso para com o Anjo da guarda. Este é uma presença em muitos crentes e agnósticos.

As imagens mais antigas relembram possíveis lutas do anjo bom com o anjo mau na hora derradeira ou a doçura do Anjo com que ainda hoje se presenteiam as crianças em primeira infância. O anjo ajuda no caminhar. A realidade dos anjos é de uma crença quase congénita¹ em todos e hoje anda no panorama das diferentes terapias, exorcizando pequenas maleitas ou prometendo guarda e proteção aos mais frágeis. Poder-se-á referir que uma plêiade de anjos circunscreve os atos quotidianos e a crença em seres que assim se apelidam pertence ao grande público. Visível e Invisível vivem em homeostasia.

Trata-se de religiosidade? – É preciso discernir, o que necessita de breves esclarecimentos: iniciaremos com algumas práticas saídas de um pequeno inquérito (I e II)², procuraremos esboçar alguns traços emergentes da religiosidade (III) e procederemos a uma avaliação teológica (IV).

Em ano do centenário das Aparições de Fátima (1917-2017), acreditamos também que tais aparições foram precedidas pelas de um Anjo (1916), que preparou os três videntes para o encontro com Maria. Ontem

¹ Cf. Paula Cristina BATISTA – *Boletim Salesiano*, n.º 561, março/abril, 2017, 03: «A oração ao Anjo da Guarda foi a primeira». Lembro também o poema de JOSÉ RÉGIO, «Exortação ao Meu Anjo» em que escreve: «Quando eu me deixar cair/ No sonho de adoecer para poder dormir,/ [...] Reaviva em mim a dor, fonte de esperança», in *As Encruzilhadas de Deus*, Lisboa, Portugália Editora, 1970, 151.

² A sondagem circunscreve-se aos trabalhos editados e conhecidos no século XXI, atenção centrada nas editoras mais vincadamente dedicadas aos seres angélicos.

como hoje, Anjos e Crianças andam muito interligados no quotidiano e os Anjos são mensageiros para os dias de hoje de notícias felizes ou não.

1. Dia a dia com os anjos

Eis o título de um livro³ que aparece nestes anos e que escolhe como tarefa a de ajudar a viver diariamente na escuta de si, escutando os anjos: «Os anjos ensinam-nos a caminhar / Quando o desejo profundamente, aproximam-se / Se os chamo, vêm em meu auxílio / Se insisto, sinto-os / / Sonhei que era um Anjo / Quando jogo e rio sinto-os muito perto.»⁴ Livro para um jogo, sem mais, para caminhar na vida jogando: um pouco de quiromancia, um pouco de espiritualidade, mas sempre jogar como as crianças para entreter a vida e para lhe saborear os contornos. Jogar como quem se entretém com um baralho de cartas, na certeza de que anjos enredam o caminho e incitam a caminhar, sempre. Eles estão perto, aproximam-se, possuem o dom do auxílio em qualquer circunstância. Sinto-os e sonho com eles. «Ali onde vejo: uma catedral ou biblioteca, uma criança ou uma exposição, na rua ou num jardim, no nevoeiro ou perto do mar [...] sempre que procura ver um Anjo, procuro-o e lá está ele. [...] Cada dia encontro mais Anjos à minha volta.»⁵ A visão é mero artifício literário ou mesmo visão real? Quem experimenta é discreto em dizer o que vê, mas está convencido que o anjo «é guia», tira o medo, a impaciência e a dúvida que desaparecem. São os Anjos perfilados sempre com uma cabeça de criança e com asas muitas vezes, mas pouco ou nada sabe sobre a sua identidade⁶. Pouco se deseja ir mais além, mas a sua realidade não se discute, aliás os anjos povoam liricamente as ações de muitos. «Eles também jogam connosco nos momentos difíceis oferecendo-nos situações divertidas. Quando jogamos com eles sentimo-nos leves, felizes, cheios de amor e de fé, recuperando a confiança em nós próprios.»⁷ Um misto de companhia,

³ Marta CABEZA VILLANUEVA – *Dia-a-Dia com os Anjos*, Lisboa, Pergaminho, 2016 (1.ª edição 1998).

⁴ *Ibidem*, 31.

⁵ *Ibidem*, 33.

⁶ Vive-se com um imaginário devedor das cabeças de anjo das talhas barrocas (para alguns). A imagem que se tem é muito ternurenta e benfazeja.

⁷ Marta CABEZA VILLANUEVA – *ibidem*, 35.

de espiritualidade e de terapia: «Os Anjos ligam-nos à nossa parte espiritual, no entanto não nos ajudam a voar, muito pelo contrário. Ajudam-nos a despertar, a pôr a nossa atenção aqui na Terra para que sejamos capazes de resolver as nossas dificuldades sem deixarmos o nosso caminho de lado. Nenhum modelo é dogma de fé. Não acredites a pés juntos, experimenta se for essa a tua vontade e deixa que o teu coração fale.»⁸ Uma panaceia talvez aureolada de nova espiritualidade e muito eficaz para adquirir uma força de vontade mais ao alcance de todos, mas sempre um auxílio para a viagem a fazer por cada um, uma ligação ao inédito de si mesmo numa representação repleta de emoção e de desejo. O anjo instiga ao jogo que faz memória da criança que nunca é destronada do quotidiano dos humanos. O anjo persiste em caminhada humanista.

O livro articula reflexão com meditação, num jogo constante que pode provocar o despertar e que evoca realidades sempre a descobrir: as cartas servem de mediação para o acesso a outra dimensão do real, muitas vezes atulhada de mil canseiras, de angústias e de receios. A autora considera-se «mensageira»⁹ dos anjos, aqui e agora. O cofre de cartão, com livro e baralho de cartas, de cor doce e de tom amarelado, coloca quem quer na linha exata de iniciar uma aprendizagem, com os anjos e consigo mesmo. O jogo é para durar, enquanto os homens forem homens. A multidão dos anjos nunca desistirá.

Na literatura sucedem-se visões angélicas e grandes diálogos entretidos com as classes de anjos mais ao alcance da mão: podem ser «anjos de cura», «da guarda», «ancestrais», «das nações» ou simplesmente que ajudam na oração ou nas lutas diárias. Aparecem em visões de algumas místicas que escrevem nos nossos dias e contam-se por amplas multidões; são sempre mais do que o imaginado. Uma destas místicas é LORNA BYRNE, uma irlandesa que desde tenra infância se apercebe dos anjos que constituem o cenário no qual vive, que são os seus mais próximos colaboradores. Relata as suas peripécias em *Anjos nos meus Cabelos e Escadarias para o Céu*, tradução portuguesa nas edições «Estrela Polar»¹⁰. Tudo leva a crer que estes seres intervêm nas mais simples circunstâncias e estão sempre prontos para

⁸ *Ibidem*, 38.

⁹ *Ibidem*, 25.

¹⁰ As edições usadas são respetivamente a 10.^a de 2015 e a 4.^a de 2014, ambas dadas à estampa em Alfragide.

ajudar nas situações. Tenha-se presente de que se trata de uma mulher que viveu tempos de meninice na cidade de Dublin e que hoje é uma cidadã da Irlanda rural: as suas representações não escapam ao imaginário autóctone povoado culturalmente de um maravilhoso olimpo de fadas e de anjos desprovidos de identidade sexual, seres celestes ou figuras mágicas que diariamente habitam os cenários humanos.

O primeiro livro de LORNA BYRNE, *Anjos nos meus Cabelos*¹¹, constitui uma autobiografia que dá conta de quanto os Anjos ladeiam a vida da autora, desde tenra idade e uma tal narrativa confirma à saciedade o trabalho persistente dos anjos, sejam eles da guarda ou curadores. A versão portuguesa da narrativa capta o leitor ao longo de 296 páginas, que denotam uma saga cuidadosa ao longo dos últimos sessenta anos: estruturada em 28 capítulos, a autobiografia desafia o leitor ao diálogo com a vidente desde os dias tenros da primeira infância até ao momento crucial em que se debate com a doença de Joe, seu marido. O anjo da guarda manifesta a sua presença de forma bem estrutural, ultrapassando a hipótese de aparecer como simples recurso estilístico.

Na primeira infância «os anjos-da-guarda [...] são extremamente luminosos, como luzes muito brilhantes», diferentes de outros com função de médicos e professores: «eu aprendi a reconhecer uma variedade de anjos para saber como eles me podiam ajudar, a mim e aos outros»¹².

Atendo-nos especialmente ao livro das *Escadarias*, deparamos com um conjunto de narrativas que projetam o leitor nos problemas contemporâneos mais prementes, deixando a imaginação pendurada em tantos seres celestiais que fazem pensar: o volver do mundo atual, os avanços tentaculares da Medicina, a dificuldade na escolha de soluções, as incertezas e interrogações levantadas pelo pluralismo religioso, a questão das lideranças, «o anjo da água» que instiga ao seu uso e futuro, a paz mundial, a emergência de um planeta menos gastador, as questões ligadas à ecologia, o aquecimento do planeta. Tantos assuntos que questionam o diário de uma mística a quem a vida não poupa nas suas invetivas. Os anjos povoam a experiência da sua vida e com eles dá solução aos que lhe vão sendo companheiros. Mesmo na oração lhes dá a mão, pois não reza sem a sua presença:

¹¹ LORNA BYRNE – *Anjos nos Meus Cabelos*, Alfragide, Estrela Polar, 10.^a edição, 2015.

¹² *Ibidem*, 23.

«Eu só rezo a Deus. Falo com os anjos. Peço-lhes ajuda e que se juntem a mim para rezar a Deus.»¹³ No emaranhado de narrativas estufadas de anjos, deixa aparecer o seu discurso sobre as representações que são de muitos, com uma forma delicada de aceno, como por exemplo, «o progresso científico e tecnológico é brilhante, mas nunca pode ser usado para tirar a liberdade de qualquer ser humano»¹⁴. Isto atualiza frequentemente o seu discurso e torna-o apetecido e mesmo acutilante por vezes em seu volver, já que «muitas pessoas não compreendem como é importante a relação entre a humanidade e os anjos»¹⁵. «Sei que há coisas que estão para além da compreensão humana e que nunca entenderemos»¹⁶, escreve L. B. a certa altura da narrativa. «Os anjos nos protegem, [...] envoltos num abraço de cura.»¹⁷ E assim tece uma narrativa em 36 lanços que emudece os leitores e fascina, criando algo como suspensão e assombro (encantamento).

A nossa época é dada ao maravilhoso e por isso tão propensa a descobrir novos ou velhos habitantes do mundo: estão eles na BD que nos fascina, estão no cinema fantástico com bilheteiras repletas, estão na literatura juvenil dos contos maravilhosos e na *música soul* que nos atrai. Somos arrastados pela magia e por novas espiritualidades: os anjos regressam para dizer esta ânsia de outra dimensão. Esperamos uma janela aberta para o que ainda não controlamos: o mundo visível e sensível chega a enfastiar, cansou-nos, e desejamos janelas de respiração para continuar a viver¹⁸. Há facilidade em encontrar quem fale dos Anjos como companheiros do quotidiano e possíveis aberturas para cenários que parecem asfixiar. O mundo

¹³ LORNA BYRNE (L. B.) – *Escadarias para o Céu*, Estrela Polar, Alfragide, 2014, 215.

¹⁴ *Ibidem*, 237.

¹⁵ *Ibidem*, 242.

¹⁶ *Ibidem*, 251.

¹⁷ *Ibidem*, 228.

¹⁸ Sobretudo em literatura poética que deslinda a vida quotidiana, cf. por exemplo Inês MARTINS DE FARIA – *Pela Poesia é que vamos*, Amares, edição da autora, 2017, 24, 29, 39, 72, 73, 91, 99, 133. Os «anjos» aparecem como recursos do quotidiano que a poesia reclama: o recurso a esta figura denota a presença dela na cultura do poeta. Por seu turno, mestres-escreitores espiritualistas assim o pensam, como escreve o monge ANSELM GRUN em *Abandono de Deus*, Prior Velho, Paulinas, 2017, 96: «(Muitos) frequentam cursos de meditação, leem livros esotéricos, interessam-se pelos anjos, e pelas forças terapêuticas espirituais, estão abertas ao divino e, claro está, têm um anseio espiritual.» Veja-se também o que escreve o teólogo checo TOMÁŠ HALÍK na mesma obra, mais adiante: «A doutrina dos anjos e dos demónios tem um fundamento mais realista do que presumem os que remeteram estas forças, demasiado à pressa, para o reino das lendas e da fantasia», 178.

das nossas relações está nimbado de seres dos quais alguns têm medo de falar e outros são considerados videntes (o que quer dizer sobretudo que experimentam frequentemente a sua capacidade paranormal). Acontecem nas narrativas de LORNA BYRNE à profusão e instigam à publicação de *bestsellers* como os de Pierre JAVANOVIC¹⁹ ou o mais recente estudo americano a partir do facto sem explicação do salvamento de uma menina (Lily) das águas do rio, junto à ponte Spanish Fork, «longas horas» depois da queda ao rio do carro onde seguia com a mãe (Jennifer)²⁰. O estudo/reflexão é deste século, sobre o acontecimento que passou nos canais mais variados das televisões desde abril de 2015. O facto é impressionante e não se explica apenas pelo excesso de criatividade. O autor foi habituado a falar verdade e não apenas a deixar a imaginação solta, em ambiente etéreo de comunidades mórmones. Ao longo de 12 capítulos excogita sobre os contornos do «mundo bom» em que vive e que lhe fornece acontecimentos paranormais. Reflexões como esta são habituais em meios *New age*. O nosso mundo está povoado de seres não sensíveis espirituais que interagem, lembrando talvez o que se tinha esquecido, já que o planeta dos anjos é tão antigo como novo. Biografia e reflexão potenciam o acesso crente a um planeta habitado por seres que ladeiam o nosso viver: uns presenciam a sua ação, pois capacidades paranormais assim o permitem, e o maior número fica assombrado com tais factos narrados em pormenores inusitados. O universo persiste cheio de questões sem resposta, tanto mais que a perspetiva de leitura é demasiado empírica e sensível: «Imaginar o que seria viver num universo de matéria e de espírito tão densamente povoado é difícil na nossa perspetiva», que faz do Céu «caótico e vazio»²¹. Perspetiva atual, muito além das viagens supersónicas que exploram a espaço que vislumbramos. O mundo dos Anjos interage com o nosso em múltiplas situações, o que por vezes nos deixa sem explicação e boquiabertos perante o realismo de cenários inexplicáveis, num ambiente científico controlável. O controlo é cada vez mais uma séria miragem para os seres cartesianos desta época. «Todos os homens, mulheres e crianças possuem dentro de si [...] a alegria, amor e

¹⁹ Pierre JAVANOVIC – *Enquête sur les Anges Gardiens*, Paris, Le Jardin des Livres, 2005.

²⁰ Ptolomy TOMPKINS/Tyler BEDDOES – *A Prova dos Anjos*, Lisboa, Planeta, 2017. (Esta é a tradução de *Proof of Angels* publicado em 2015.) O caso «fez-se notícia em todo o mundo» e está narrado nas páginas 31-32.

²¹ *Ibidem*, 68.

bondade. Acredito que, um dia, essa bondade vai ultrapassar todo o mal e a raça humana evoluirá triunfalmente, de corpo e alma unidos.»²²

O próprio Papa não foge à questão num livro onde responde a perguntas de crianças. «Todos temos um anjo da guarda! Uma boa maneira de ajudar as pessoas que fazem mal é rezar ao seu anjo da guarda para que ele os ajude a fazer o bem. [...] Deus dá-nos estes anjos para nos ajudar a progredir, a mudar, a ser pessoas capazes de fazer o que agrada a Deus. [...] Nossos anjos ajudam-nos a ter bons pensamentos e, de maneira geral, cuidam de nós.»²³ O anjo aparece na resposta do Papa como acompanhante da vida dos homens com quem se pode manter uma comunicação pessoal.

É tanto assim que, ainda na literatura, a nossa sondagem revela títulos que navegam nestas águas, *v.g.*, *Concerto em Memória de Um Anjo*²⁴ de ÉRIC-EMMANUEL SCHMITT, título que faz a aparição de quatro narrativas que aludem à santidade ou à reparação como chaves na experiência premente de algumas figuras. Um mundo imprevisito que ladeia a vida diária e que conduz a uma introspeção que se revela libertadora: o mundo invisível povoa e concede créditos ao visível.

Um outro dado do nosso inquérito lembra que a recente amostra de orações editada em França dá conta de duas orações aos anjos e regista ainda as duas fórmulas propostas na aparição do Anjo em Fátima: uma a São Miguel Arcanjo, outra ao Anjo da Guarda e outras duas ensinadas pelo Anjo de Portugal em Fátima²⁵, estas duas últimas dirigidas a Deus e à SS Trindade. Além disto, um DVD regista um filme sobre as diferentes facetas dos Anjos hoje, filme de 2014 marcado por afluência de grande público: permite sobretudo discernir sobre «o valor, o lugar e a função do Anjo da guarda»²⁶ na Arte atual: a pintura retrata os anjos que permanentemente acompanham a vida dos seres humanos; cinquenta e quatro minutos de reflexão com um fundo de ARCADAS, o pintor que plastifica os anjos sem

²² LORNA BYRNE – *Anjos nos meus cabelos*, Estrela Polar, 2015, 113.

²³ PAPA FRANCISCO – *Cher Pape François*, Paris, Mame/Novalis, 2017, 37. Trata-se da tradução francesa da obra que aparece na Libreria Editrice Vaticana em 2016.

²⁴ Éric-Emmanuel SCHMITT, Barcarena, Marcador, 2016.

²⁵ *Livret de Prières*, Quentin Moreau éditeur, Bélgica, 2016, 58-59 e 32.

²⁶ Filme de JEAN CLAUDE DURET – *L'Anje, Aujourd'hui*, 2014. A figura do Anjo é encarnada por Clémentine Stepanoff.

saber porquê, já que a sua obra o ultrapassa sempre. Para quem o visita a sua obra deixa marcas.

Ao imergimos na literatura psicanalítica ou mesmo simplesmente psicológica, outro lanço da sondagem, somos obrigados à viagem pelas vitrinas de uma literatura bem ao nosso gosto, na confluência da espiritualidade com o labirinto de si mesmo, uma literatura atenta a si mesmo, à mesmidade. Abundam as traduções, mas preferimos a que denota títulos do nosso género. Esfolheamos *La Musique des anges*²⁷: uma obra pequena que se arrasta como a condição efémera de todos, mas que interessa de sobremaneira a julgar pelo subtítulo como «abrir-se ao melhor de si». Quem contornaria o que parece oferecer uma porta sempre a abrir-se e sempre com desejo de mais? Quem não deseja armazenar o silêncio para conquistar mais controlo de si ou quem não quer experimentar a oferta do melhor de si para ultrapassar o marasmo quotidiano?» *A Música dos anjos* ressoa em nós, e empurra as nossas forças interiores. Basta escutar.²⁸ O outro pode ser anjo ou demónio: pertence fazer dele um anjo. [...] Pode-se pedir ao anjo que está em nós, ao anjo que é a melhor parte de nós, de nos guiar: ele sabe, ele quer, ele pode o melhor para nós.»²⁹ Literatura de desenvolvimento pessoal, *literatura self*, *literatura psy*, *literatura training*, quantas sendas por conhecer, quantos tons mal usados ou quantos modos utilizáveis!

Quando relemos a experiência espiritual e mística do acontecimento Fátima (Aparições de 1916-1917), deparamos com o Anjo de Portugal que em 1916, ano prévio às aparições da Virgem, prepara e em registo pedagógico abre os pastorinhos à maravilhosa revelação do Céu pela voz seráfica de Maria. O Anjo de Portugal três vezes acariciou o coração das crianças para que pudessem entender os pedidos «da Senhora mais brilhante que o Sol»³⁰. Não precisou Fátima de outros testemunhos a não ser o das peugadas de Um Anjo Custódio que iluminou as suas mentes infantis e os confirmou no sobrenatural. Com a segunda década do século XX como

²⁷ Catherine BEN SAID – *La Musique des anges*, Paris, Robert Laffont, Pocket, 2003, réédition en 2005 e 2016.

²⁸ Como refere a autora na quarta página da capa.

²⁹ *Ibidem*, 98-99.

³⁰ Cf. José GERALDES FREIRE – *O Segredo de Fátima*, edição do Santuário, Fátima, 1978, 17. Atente-se também ao texto de Luciano Guerra, in Renzo LAVATORI – *O Anjo*, Prior Velho, Paulinas, 2016, 219-251.

cenário, os pastorinhos em nada titubeiam, antes são plenamente coerentes no meio de tantos e tão exaustos interrogatórios para a sua pureza³¹.

2. O azul de um pintor

Quero dar a voz possível a um pintor que, no seu trabalho diário faz referência a estas figuras (os anjos) e que vai deixando hoje algumas marcas no património que lega. O pensamento surge fulminante na teia de uma obra de ficção que atrai irresistivelmente. O azul da tela evoca um mais além inédito fugitivamente sacro.

ARCABAS³², crente cristão, é um pintor místico contemporâneo que deixa em muitas obras o seu azul que lembra o lugar dos anjos nas cores de um pintor, sem fingimentos e dedicado apaixonadamente ao seu ateliê de pintura. Deixou algumas das suas crenças no diálogo que perdura do filme/documentário³³ bem recente e que deixa visualizar o que neste tempo é profunda serenidade sobretudo ou serena experiência religiosa que se aquilata: «É uma coisa invisível e, no entanto, acredito nela com muita força. E, como experiência, [...] ainda que nunca o veja, recorro a ele (o anjo) todos os dias.»

[...] Penso que vou pôr um pouco de azul aí. É isso o meu trabalho. É um trabalho tangível. A inspiração é outra coisa [...] O anjo da guarda, não penso nele. Só depois é que me vem a ideia, como uma luz (um esclarecimento).» Um pouco de azul para algum esclarecimento imprevisto.

[...] Não fui eu que o inventei. De repente, falaram dos anjos [...] e este anjo da guarda tornou-se um intermediário que flutua à nossa volta porque, [...] tenho a sensação de que somos cegos e surdos neste mundo que dizemos fazer funcionar, mas que funciona sozinho. Nem sempre como gostaríamos, mas é porque não vemos nada, não ouvimos nada, e espero que um dia tenhamos revelações, mas para isso teremos de parar de

³¹ Cf. Documentação Crítica de Fátima.

³² De nome Jean-Marie Pirot, nascido em 1926 na Lorena (França) tem sido um constante expositor quer no universo francês quer a nível internacional (Berlim, Frankfurt, Panamá, Japão, EUA e México). Dele é expoente principal o *Museu Contemporâneo de Arte Sacra S. Hugo de Chartreuse* (1953-1986), seu lugar de trabalho desde então.

³³ *L'Ange, Aujourd'hui*, filme de Jean-Claude Duret (2014), filme ilustrado por obras de Arcabas.

respirar.» Uma realidade prévia que se recebe sem barreira possível. Realidade como a arte, presente sem barulho nem qualquer espécie de arrogância. Apenas num clique inusitado. A invisualidade assusta.

Mais adiante refere a determinação do anjo, imprescindível: «A parte do anjo é determinante [...] É assim, não podemos mudá-lo. São coisas impalpáveis. Como falar disso para que alguém que vos escuta perceba o que quer dizer?» De difícil ou impossível verbalização.

Realidade indizível, mas real, «este ser impalpável, invisível e, no entanto, presente. [...] Depois de o ter pintado, podia falar-lhe: donde vens? Que vens fazer na minha casa?»

«É uma inexistência existente. Aí tem a minha relação com este ser estranho que terei inventado. Mas não é verdade. Sou incapaz de inventá-lo. Impõe-se a mim». [...] «Os anjos existem [...] E isso pode fazer bem a alguém, melhor.»³⁴

Uma realidade que se impõe no mundo artístico deste pintor, sem mais por estranho que pareça. A arte está para além das regras habituais, como os anjos se articulam a outra realidade que perdura sem ser vista, que impera sem comando tópico.

A sondagem poderia ser mais longa, quer na dilatação do tempo quer na circunscrição em que se desenvolve: há sempre mais que aparece e não enxergamos. O que o pintor e artista sacro evoca desconcerta pelo realismo imprimido num oceano de azul vestido assaz luminoso³⁵: figurações com asas ou «anjos sem asas meus anjos pesados, [...] as fadas que disseram os meus fados/falavam de vós», como murmura a poetisa Sophia de Mello Breyner³⁶.

3. Religiosidade?

Interessa antes de mais refletir sobre o género de religiosidade que está em jogo. Quando os anjos mobilam em destaque a vida quotidiano das gentes, importa discernir uma caracterização da angelologia moderna presente.

³⁴ Excertos do diálogo com o Pintor, no mesmo filme citado.

³⁵ No nosso tempo, há visionários muito realistas, indagadores da realidade, que dizem ver anjos em «círculos luminosos».

³⁶ SOPHIA DE MELLO BREYNER – *Obra Poética*, Alfragide, Caminho, 851.

A crença está deveras implementada, não só em ambientes católicos, mas também nos meios cristãos mais vastos, alguns de teor sectário. A crença reflete um ambiente espiritual que vincula em permanência o mundo humano ao divino: trata-se de crença religiosa, que liga o visível humano normal ao invisível divino percecioneado por humanos. Parece tratar-se de um universo bastante fluido, não delimitado do ponto de vista racional e sujeito a impressões oscilantes: os anjos não possuem fronteiras de ação e apontam para uma multidão celeste em comunhão constante com Deus ou com o divino, colocando os humanos em comunicação feliz com o mundo invisível. A sua atividade exerce-se sempre com os homens, mas a sua força revela a onnipotência de Deus.

Esta religiosidade extasia pelo dinamismo que encerra e produz: há mesmo quem se exprima em termos de uma «força irresistível» que deixa os humanos perplexos e que cria constantemente brechas no cosmos sensível e manipulado. Este dinamismo habitualmente não tem termo de comparação quando acionado em certos meios: não se lhe resiste, sendo bastante um gesto mínimo da figura celestial. Uma entidade todo-poderosa está na origem e do lado de cá resta o assombramento: a onnipotência é formalizada e remete ao silêncio os visados. Agem a partir de um mundo onnipotente.

As cenas relatadas remetem para a luz: os seres angélicos são sempre fugitivamente apresentados e com semblante de luminosidade ou seus rápidos clarões: neste sentido, embora repentinamente percecioneados, deixam na memória um resplendor ou um rastro luminoso. Há mesmo quem consiga apanhar em câmara fotográfica os frequentes «círculos de luz» que representam a presença dos seres angélicos nas experiências de vislumbre³⁷. A luz espelha-se profusamente por paredes brancas e outras superfícies planas para quem enxerga tais seres companheiros de todos, acessíveis apenas a alguns. A realidade é muito mais espessa do que nos é dado ver pela simples vista física, proporcionando cenários de luz intensa aos mais bafejados pelo dom do espiritual.

³⁷ Nosso inquérito, nota 35.

Esta realidade angélica como religiosidade é também visceralmente cordial, sendo que se diagnostica em seres paranormais e eivados de alguma bondade para com toda a criação, manifestando um grande coração e uma sensibilidade fora do comum para com os semelhantes em humanidade. Uma religiosidade compassiva e muitas vezes silenciosa sob controlo: as pessoas que falam destes seres luminosos pronunciam-se com recatez e sempre com tons afetivo-emotivos muito acentuados, alterando mesmo a voz sempre que emitem impressões destes cenários. A descrição é imprecisa, real, de comoção e comovedora. O mundo invisível remete para a humildade.

Os anjos dividem-se por classes na esfera da bondade e podem apresentar-se também no hemisfério do mal: aqui são do mal ou até da morte. Na realidade estes seres interagem com os humanos, sendo artífices do bem (anjos da guarda e outros mensageiros) e acentuando o mal eminente e aparecendo até como anjo da morte, quer para a indicar quer para a produzir de imediato. Há nestes seres uma mediação doutro lado onipotente. Podem ser de guarda benéfica, de defesa em situação delicada, de conhecimento, de acompanhamento, de emergência ou vaticinadores finais. As categorias que se apercebem apontam atividades em proximidade.

Fundamentalmente são mediadores: não aparecem como autoexpoentes, mas atuando de um lado não sensível, não material e todo-poderoso. O mundo espiritual para o qual apontam é difícil de qualificar, sendo sobretudo mensageiros de outro lado ligeiro em relação ao peso deste mundo, espiritual em relação à densidade do material, antropomórfico sem distinção de género senão instantânea, luminoso como realidade quase imaterial dizível. O mundo donde aparecem é muito comunicativo em relação a este premente. A mediação é visível apenas pela luz que é assaz volátil.

Esta mediação não se expõe ao verbo, mas é simples como a realidade da qual pretende fazer-se eco: não faz barulho, mas é calma e suave, o que não quer dizer inoperante, mas amplamente efetiva. Não faz algazarra, mas atinge os humanos na sua real consistência. Não é buliçosa, mas profundamente executa o seu mister sem falha. É subtil e cem por cento poderosa, porquanto envolve os humanos nas suas reais ocupações. Embora empreendedora, nunca se ufana e procura levar o mundo dos homens pelo caminho do bem, sem fazer alarido da sua atividade onipotente

sempre recebida. É silenciosa, apenas audível para poucos que se envolvem na mesma frequência: dá-se a conhecer só a alguns e ostenta uma leveza que se revela vivificante³⁸.

A realidade de que se fala não tem a espessura das coisas temporais. Emerge instantaneamente e provoca incidentes reais, embora permaneça inacessível e nunca se deixe guardar como «coisa sensível» a não ser em «círculos de luz» que indicam totalmente a sua leveza, a sua operacionalidade e a sua objetividade garantida. Escrever sobre este mundo sensível é demasiado paradoxal porquanto os anjos, embora aparecidos de forma antropomórfica, nunca se deixam ou deixaram fotografar como tais. A realidade está para além da realidade: é para-realidade ou metarrealidade.

Apreendida em fachos luminosos, transparece em situações concretas em superfícies extensas verticais em cenários inesperados, tornando-as polidas e luminosas, formalmente esclarecidas e esclarecedoras no coração de situações enigmáticas e confusas. Os anjos surgem como iluminadores e portadores de soluções não esperadas, atraindo pela claríssima luminosidade por vezes ou sempre além do possível para seres humanos. A luminosidade é excessiva.

O diálogo entre estes mundos é possível graças a estes mediadores com quem se estabelece. Falam suavemente e deixam falar na medida da situação em que se dão em visão. Embora não entretenham fábulas, explicam o que está em jogo levando o interlocutor a certos compromissos, deixando-o por vezes à deriva em relação a mais explicações. Os diálogos são muito lacónicos. Dão-se em visão nas mais banais das ocasiões, propícias para o bem ou apenas como seres impeditivos de algo pior. Esperam. Estão atentos a qualquer contratempo. A sua ação é muitas vezes suplente, o que fazem como guarda dos mais novos. Acontece que pode a sua benfazeja ajuda prestar-se a algum inadvertido humor.

O humor também pode ser curativo, o que se torna evidente em certas situações de impasse. Pouco se fala de oração ou de súplica. O que se faz é por natureza da esfera da bondade e da gratuidade, sem exigir nada a não ser prece e agradecimento quanto basta³⁹. Isto só acontece por inadvertência (visto do mundo humano). O humor existe dos dois lados da

³⁸ Tem-se aqui o cuidado de referir o que foi verbalizado neste inquérito (março, 2017).

³⁹ Cf. LORNA BYRNE – *Anjos nos meus Cabelos*, Estrela Polar, 2015, 100: «Fui observando Mark e o seu anjo e rezei.»

comunicação, ou em último recurso ou por silêncio imposto. No fundo a religiosidade é de tipo purgante e a terapia passa quer pelo humor quer pela confiança ilimitada.

Trata-se de uma religiosidade sem limites culturais, parecendo permeável a todas as camadas sociais e enxergando os anjos às multidões, como se o mundo do outro lado fosse sempre multidão. Os anjos, únicos na sua espécie, abundam nos cenários mais imprevistos e aparecem como multidão em todas as circunstâncias de vida, com exceção a anjos encarregados de uma missão especial (anjo da guarda). Este mundo é irrisório em relação ao invisível que é sempre centuplicado, parecendo que o mal que acontece seria imensamente maior sem esta alavanca espiritual.

Esta religiosidade revela-se muito aberta do ponto de vista religioso, sem se confinar a uma única religião instituída. Os visionários impõem-se mesmo o diálogo para uma maior abertura de todas as religiões, sendo conduzidos pelos próprios anjos para uma sociedade mais tolerante e permeável a todos os credos. O mundo espiritual parece pedagogo de uma civilização aberta, mais plural, menos monorreligiosa, mais capaz de lanços religiosos transversais, mais propícia a intercâmbios pacificadores. Os anjos estão ao serviço de um mundo menos rígido do ponto de vista religioso, menos ritual, mais humanizante. O diálogo inter-religioso sai ativado deste processo. Há mesmo quem seja arauto de um prognóstico de um cenário de compreensão sobretudo «entre budistas, islâmicos e cristãos de distintas confissões».

4. No filtro do Catolicismo

O presente século regista o que escasseia nos finais do século passado, pois então «(os anjos) não aparecem mais [...] do que no contexto duma expressão popular, dum título de romance ou de filme. O ser celeste não é mais que uma referência cómoda para a beleza perfeita ou para o amor que evoca para nós a inocência da juventude ou da infância»⁴⁰. Hoje, como constatamos na primeira parte do nosso estudo, os anjos estofam prodigiosas narrativas vitais cheias de vigor e parecem povoar espíritos ociosos de

⁴⁰ Philippe FAURE – *Les Anges*, Paris, Cerf, 1988, 7.

qualquer suspeição. O século XXI está repleto de paisagens celestiais e promove de forma serena a convivência angelical com figuras humanas dos mais variados horizontes. A literatura espiritual abunda, tornando-se numa vértebra maior da deriva do século. Quando tudo parece ser instantâneo e demasiado atrofiado, vazio e assaz materialista, eis que o mundo dos seres angélicos se torna numa nuvem bem espessa paralela e comunicativa, como a nuvem virtual dos sistemas informáticos. Num panorama profundamente sensível, o virtual conjuga-se com o angélico e abre horizontes novos em espaços fechados de materialidade. O espiritual nem precisa de argumentos, agarrando ao céu quem se suspeitava votado perdidamente à terra: a nebulosa angelical está na sua época e desfaz o círculo fechado da modernidade com extraordinários «círculos luminosos».

Nos grandes acontecimentos, como a Bíblia relata em tempos idos, aparecem os anjos que fornecem um sentido ao internauta ávido de sensatez. Afinal os homens não regridem, mas avançam com soluções carregadas de sentido: aponta-se esta esfera como uma abertura do universo demasiado encerrado que parecia sufocar. O homem moderno dá a mão a uma multidão de anjos que desmonta o caos insensato a que se chegara. É preciso tomar o pulso da sua densidade, não apenas delimitando a sua ação a simples portador de mensagem de momento. Este é um primeiro dado imerso na questão dos anjos. O triplo lança monoteísta (judaico, cristão e muçulmano) não se compreende sem uma densa e radical angelologia⁴¹, ontem como hoje. Tem a ver assim com uma realidade criada que potencia a «energia divina» que se constata também hoje, fugindo de um cosmos simplesmente oco quando despovoado dos humanos. O «mundo angelical aparece como fundamento da ordem universal que ele rege e mantém na duração, e como o que assegura a ligação espiritual nos diferentes graus da realidade»⁴². Desta forma, a secularização não é o que está para ficar, mas apenas uma etapa superada pelo aparecimento invulgar do mundo espiritual protagonizado nestas figuras. Tal mundo não é uma simples emanção, mas favorece a ordem do criado como câmara que louva, gere e orienta um universo, tudo orientado para e pelo divino, que, ser pessoal, faz o mundo de beleza e bondade. O «Anjo de Deus» aparece e desaparece,

⁴¹ *Ibidem*.

⁴² *Ibidem*, 8.

como na história de Gedeão (Jz 6, 11-24): «Espíritos ao serviço de Deus» (Heb 1, 14), (os anjos) tornam visível a bondade de Deus, estas poderosas forças do bem que colaboram connosco no mundo criado.»⁴³

Sobre a sua identidade, as narrativas de hoje procuram-na mais e mais, mas esbarram sempre com uma imaterialidade que se vislumbra pouco e sempre que dá algum aceno, visto a realidade se impor, é em termos de luz e de transparência que se plasma. Embora composta de prótons e neutrões, a luz prestou-se sempre a uma certa imaterialidade para além da opacidade dos sentidos físicos. A luz entende-se mais quando está ausente, trata-se de uma realidade muito sujeita ao mistério. Assim os anjos, embora persistam e se façam sentir, são voláteis e extremamente vulneráveis à percepção mesmo paranormal, vanescendo quando se deseja certificado na visão. O anjo, mais do que se servir, é seta que voa apontando o polo divino, «via de acesso a um conhecimento superior, em movimento ascensional para o mistério divino»⁴⁴: sem eles, quer no Oriente quer no Ocidente, os seres humanos perdem-se na aflição terrena.

Certo é que a vida de Jesus é o centro de todo o catolicismo eclipsando um pouco o corte angélica⁴⁵, particularmente na sua fase final, a Ressurreição, hoje em jogo nas caminhadas dos seres humanos. Os anjos (embora em pequena quantidade) são aqueles que estão sempre presentes e que apontam/anunciam primeiramente a Ressurreição no interior de um túmulo aberto e lugar de vida desde então. Porém, um acontecimento extraordinário preanunciou o sucedido, sempre cheio de luz: trata-se no dossiê bíblico da intitulada «Transfiguração». São os anjos que servem o filho do homem que mostra por eles o que sucederá. Aqui também são as figuras angélicas que não só indicam um serviço permanente, mas abrem o entendimento dos seguidores para um mundo outro que era insuspeito. Para aceder a este outro universo, os humanos necessitam dos anjos que lhes fornecem códigos de leitura no meio de uma luz que envolve a todos num único cenário prefigurativo. A Transfiguração é tratada por muitos teólogos como prenúncio da vitória do Ressuscitado. O cenário é de luz nunca vista e envolvente.

⁴³ *Introduction à la Foi Catholique, Le Nouveau Catéchisme Pour Adultes*, Paris, 1968, 607.

⁴⁴ Philippe FAURE, *ibidem*, 8.

⁴⁵ *Ibidem*, 33: «Lendo o NT, somos surpreendidos [...] pelo lugar parco de anjos.»

Aliás, na mesma narrativa evangélica, e muito em sintonia com o ambiente do tempo, a vida pública de Jesus acontece entre um evento marcado pelo extremo serviço dos anjos, as Tentações, e o último discurso de Jesus que em forma parabólica trata o fim do mundo com o serviço dos anjos na separação dos bons e dos maus, o Juízo final. A vida dita pública do taumaturgo passa-se entre um serviço angelical que é de sustento e de discernimento: a vida de Jesus é uma espécie de grande lição que aponta uma nova forma de estar, num mundo diferente aberto pelos anjos (cf. Mt 4 e Mt 25)⁴⁶; tudo o que Jesus fará e percorrerá é relativo a um mundo que só os anjos estão em posição de vislumbre. No catolicismo, tudo leva a crer que aquilo para o que Jesus aponta, o serviço fraterno, seja fundamentalmente apanágio dos anjos, que participam no modo de ser celestial. O cortejo angelical não é senão a tradução concreta que o mundo dos ressuscitados é o mundo dos que servem Deus, num universo intenso de Luz. Os anjos são os executores da ordem divina, para a transformação do Céu e da Terra. Não fazem senão cumprir e fazer cumprir a ordem do Senhor do Universo: são seres que pertencem ao mundo de Deus que dialoga com o mundo humano. São também os anjos que ajudam a compreender os primeiros passos da infância de Jesus, interpretando os sonhos de José, como se entende nas narrativas de Mateus e de Lucas (Mt 1 e 2 e Lc 1 e 2). A mediação angélica está inserida na Mediação de Cristo: «os anjos são os sinais perfeitos da proximidade do Reino de Deus»⁴⁷.

No nascimento e na expansão da Igreja, os Anjos executam uma missão fundamental: é a tarefa que fará o autor do livro dos Atos. Os passos primeiros da igreja são ladeados por Anjos, no imediato da Ascensão de Jesus: os anjos relembram aos discípulos a missão que está pela frente, uma vez que Jesus subiu aos Céus (At 1, 10-11). Mesmo as prisões são mimadas pelos anjos que, como guardiães, abrem e nelas introduzem a liberdade (At 5, 19 e 12, 6-11). A Igreja cresce e dilata-se a custo de perseguições na guarda e apoio dos Anjos: primeiro no anúncio aos de mais perto, os Judeus; depois na enorme abertura aos povos pagãos da bacia mediterrânica onde jogará fortemente o génio de Paulo depois da Iluminação a caminho

⁴⁶ Cf. *ibidem*, sobretudo 34-35.

⁴⁷ *Ibidem*, 34.

de Damasco: «uma luz vinda do Céu o envolveu na sua claridade» (At 9, 3). A Igreja alcança as fronteiras do Finisterra e vai alastrando-se. Os Anjos guiam, apontam os novos passos a percorrer. É neste cenário que o apóstolo Paulo aponta para um mundo de seres invisíveis que escoltam a agir da Igreja: «Tronos, Senhorias, Principados e Poderes» (Col 1, 16). Todos no horizonte de Cristo: uma escolta crística.

Como no tempo intermediário (o tempo da Igreja) haverá lutas e cedências, nos tempos últimos, a vitória está garantida por «um dos sete anjos» (Ap 21-22) em luta permanente contra o dragão. Ao longo da História mais e mais motivos de combate contra as forças do mal, onde Anjos Maus fazem o seu papel: porém, as forças do mal não levarão a melhor (Ap 19, 17). O triunfo final é visionado do lado do bem, ainda que a peleja se mantenha em todos os tempos.

O Anjo do Bem vencerá: «depois o Anjo mostrou-me o rio da vida» (Ap 22, 1). Após o Julgamento, serão os Anjos que veem «a glória de Deus» (Ap 14, 6-13 e 15, 8). Jerusalém celeste perdurará. A claridade do mundo dos Anjos vingará sempre, apesar das provas inquietantes que em todos os tempos surgirão. Esta visão é muito simbólica no Apocalipse; o dinamismo do Espírito Santo jogará em todos os quadrantes com as forças do Universo Invisível. O Anjo da guarda guiará a sua Igreja: «Deus nos dá esses anjos para nos ajudar a progredir, a mudar, a tornarmo-nos gente capaz de fazer o que agrada a Deus.»⁴⁸

5. Nota final

Apesar da angelologia constituir «um âmbito periférico da doutrina cristã»⁴⁹, desde o IV Concílio de Latrão (1225) a Igreja afirma «a realidade criatural dos anjos como seres criados por Deus a partir do nada; a sua natureza originalmente boa; a sua realidade imaterial, embora não afirmada de forma direta; a origem do mal a partir da livre escolha e decisão do

⁴⁸ PAPE FRANÇOIS – *Cher pape François*, Namur, Fidélité, 2016, 37.

⁴⁹ Já assim o expressava João Paulo II: «A verdade sobre os anjos é, em certo sentido, colateral, embora inseparável da revelação central que é a existência, a majestade e a glória do Criador [...]». Renzo LAVATORI – *O Anjo*, Prior Velho, Paulinas, 2016, 16.

diabo e do homem»⁵⁰. Os anjos desempenham o seu serviço sob a mediação única de Cristo: o universo é um belo vitral onde a simplicidade da unidade se traduz nas diferenças de cada fragmento de cor. A beleza da multiplicidade diferente outorga ao panorama único uma difusão serena. Nas asas dos anjos, acedem todos ao mundo espiritual envolvente, uma vez que as asas dizem a liberdade numa relação particular com Deus⁵¹, na presente trajetória que persiste: dois mundos em diálogo sereno. O Invisível manifesta a sua presença, sendo que o visível lhe é homeostático.

Bibliografia

Principal/Inquérito

AA. VV. *Figuras do Anjo Revisitadas*, Fátima, Congresso Internacional, 2007.

BENSAID, Catherine. *La Musique des anges*, Paris, Pocket, 2003 e 2016.

BYRNE, Lorna. *Anjos nos Meus Cabelos*, Lisboa, Estrela Polar, 2008.

———. *Escadarias para o Céu*, Lisboa, Estrela Polar, 2016.

CABEZA VILLANUEVA. *Dia-a-Dia com os Anjos*, Lisboa, Pergaminho, 2016.

DÉSIRÉ MEWOLO, Ludovic. *Le Destin d'un Ange* (Romance), Paris, L'Harmattan, 2017.

HALÍK, Tomás; GRUN, Anselm. *O Abandono de Deus*, Prior Velho, Paulinas, 2017.

JAVANOVIC, Pierre. *Enquête sur les Anges Gardiens*, Paris, Le Jardin des Livres, 2001-2004.

LAVATORI, Renzo. *O Anjo Um Feixe de Luz sobre o Mundo*, Prior Velho, Paulinas, 2016.

MELLO Breyner, Sophia de. *Obra Poética*, Alfragide, Caminho, 2010.

PAPE FRANÇOIS. *Cher pape François*, Namur/Paris/Montréal, Fidélité/Mame/Novalis, 2016.

⁵⁰ *Ibidem*, 48, 45: «Cremos firmemente e professamos com simplicidade [...] um princípio único do universo, criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis, espirituais e corpóreas: que [...] criou a partir do nada, no início do tempo, [...] os anjos e o mundo [...]. Porque o diabo e os outros demónios foram todos criados por Deus, naturalmente bons, mas tornaram-se maus por si mesmos, por sua iniciativa» (45-46).

⁵¹ *Ibidem*, 85. Também *La Foi Catholique*, Paris, Ed. De L'Orante, 1991, página 18 e posteriormente o Vaticano I (1870), página 134.

Secundária

- BOURIN, Jeanne. *Le sourire de l'ange*, Paris, Desclée de Brouwer, 1996.
- DANIÉLOU, Jean. *O Mistério do Advento*, Lisboa, União Gráfica, 1968.
- . *Les Anges et leur mission d'après les Pères de l'Eglise*, Editions de Chevetogne, 1953.
- DAUJAT, Jean. *Connaitre Le Christianisme*, Paris, Plon, 1954.
- DUMEIGE, Gervais. *La Foi Catholique*, Paris, Editions de L'Orante, 1991.
- FAUVRE, Philippe. *Les Anges*, Paris, Cerf, 1988.
- JOSÉ RÉGIO. *As Encruzilhadas de Deus*, Lisboa, Portugália Editora, 1970.
- RANHER, Karl/VORGRIMLER, Herbert. *Petit Dictionnaire de Théologie catholique*, Paris, Seuil, 1970.
- SUTTER, A. de. «Angeles», in *Diccionario de espiritualidad*, tomo I, Barcelona, Herder, 1983, 119-123.